

EXPLORAÇÃO E EXPULSÃO, A HISTÓRIA DE UM MIGRANTE**Entrevista**

DOI: 10.5281/zenodo.5654564

Victor Hugo Jara Cardozo

Bacharel em Ciências Políticas e Sociologia pela Universidade Federal de Integração Latino-americana, mestrando em Sociedade Cultura e Fronteira na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. E-mail: junior_jara18@hotmail.com

Resumo

É difícil pensar em qualquer aspecto de nossa realidade que a atual pandemia Covid-19 não tenha afetado. Mais de um ano após sua instalação em todo o mundo, afetou o desenvolvimento da vida em todas as suas ordens. Este trabalho é o reflexo do acompanhamento realizado aos migrantes paraguaios encalhados na Ponte da Amizade entre os meses de março e junho de 2020, meses em que centenas de paraguaios passaram por grandes dificuldades para entrar no território nacional devido ao fechamento das fronteiras do governo paraguaio. Realizamos uma entrevista semiestruturada em profundidade com um cidadão paraguaio migrante que retornou ao Paraguai após perder seu emprego por vários anos em São Paulo - Brasil, bem como várias conversas com outras pessoas na mesma situação.

Palavras-chave: pandemia, migração, ponte de amizade, precariedade

Abstract

It is difficult to think of any aspect of our reality that the current Covid-19 pandemic has not affected. More than a year after its installation throughout the world, it affected the development of life in all its orders. This work is a reflection of the monitoring carried out to Paraguayan migrants stranded at Ponte da Amizade between March and June 2020, months in which hundreds of Paraguayans faced great difficulties to enter the national territory due to the closing of the borders of the Paraguayan government. We

conducted an in-depth semi-structured interview with a migrant Paraguayan citizen who returned to Paraguay after losing his job for several years in São Paulo - Brazil, as well as several conversations with other people in the same situation.

Keywords: pandemic, migration, bridge of friendship, precariousness

Introducción

Entre 23 de março e 14 de outubro de 2020 -quase 7 meses- a ponte da amizade, que une Brasil e Paraguai, foi fechada como parte das medidas de segurança sanitária implementadas pelo governo paraguaio no marco da pandemia de Covid-19. Esta medida negou inclusive a entrada em território nacional de cidadãos paraguaios, de modo que poucos dias após o início da medida vários cidadãos daquele país ficaram presos na ponte sem poderem entrar ou voltar de onde tinham vindo. A grande maioria eram pessoas que trabalhavam no Brasil e em outros países, que perderam seus empregos em decorrência da quarentena aplicada tanto no Brasil quanto em vários países do mundo (ABC, 2020a). Como o número de pessoas presas na ponte em condições totalmente precárias estava aumentando, o governo foi forçado a colocar algumas em albergues improvisados para quarentena. Nesse contexto, em 9 de abril, o decreto presidencial nº 3.526 autorizou oficialmente a implantação de abrigos para cidadãos paraguaios procedentes do exterior. No total, foram instalados 76 abrigos em diferentes pontos do país por onde passaram cerca de 21.300 pessoas em todo o tempo que a medida foi implementada, da mesma forma, 1.782 abrigos deram positivo para Covid-19 nessas instalações (HOY, 2020), além de várias queixas de sobrelotação, tratamento desumano e precariedade durante o período de quarentena (ADN, 2020).

Realizei este trabalho a partir de entrevistas e acompanhamento virtual a vários migrantes paraguaios tanto na ponte quanto em abrigos no marco de um acompanhamento realizado pela “Rede de Direitos Humanos do Alto Paraná”, organização da qual faço parte.

1- Explotación y expulsión, historia de un migrante.

Era 2014 e, em meio a protestos massivos, o Brasil estava levando adiante a organização da Copa do Mundo da FIFA. A organização do evento atraiu um grande número de trabalhadores de todo o cone sul. Entre 2009 e 2011, a imigração

paraguaia para o Brasil aumentou 56,7% (Última Hora, 2020), de 11.229 para 17.604 pessoas.

Nelson tinha então 15 anos, morava em Itapua Poty, comunidade rural localizada no Departamento de Itapúa, Paraguai. Sua mãe, pai, irmã e três irmãos se dedicavam à produção da terra para consumo próprio. Às vezes vendiam mandioca no mercado local, às vezes era ajudante de pedreiro do pai, ambos eram empregos aleatórios, quando possível.

A impossibilidade de competir com o enorme maquinário empresarial dos Trosiuk – grupo empresarial que produz uma grande variedade de gado e produtos agrícolas, além do processamento industrial de alguns-, fez com que sua família não encontrasse possibilidades de crescimento econômico no campo, limitando para a produção para consumo diário.

“Primero se fue mi tío con mi hermano mayor, después me fui yo y luego fue mi papá y mis otros dos hermanos”, conta Nelson desde um albergue no km. 10 de Ciudad del Este, onde está isolado há mais de 40 dias. Com grande fluência em sua língua materna, o guarani, ele nos contou a história dos últimos 5 anos de sua vida. *“Había muy poco trabajo, por eso decidí viajar”*, a falta de possibilidades de continuar no campo e de oportunidades de trabalho no Paraguai, o expulsou para o Brasil, fazendo com que quase toda a sua família migrasse. Apenas sua irmã e sua mãe permaneceram no país de origem.

Ao chegar, contatou um vizinho de sua cidade natal que trabalhava em uma oficina têxtil, foi assim que conseguiu seu primeiro e único emprego na cidade brasileira. A oficina pertencia a uma pessoa de nacionalidade boliviana e localizava-se na mesma casa. Nelson conseguiu o emprego sem maiores dificuldades, já que seu empregador nos últimos anos contratou apenas paraguaios para trabalhar em sua oficina *“porque los paraguayos saben trabajar”*, diz Nelson.

A oficina ficava no andar do meio de uma casa de três andares. Na planta baixa, ficavam os quartos e as salas de jantar. Todos esses anos Nelson viveu lá. *“No pagábamos alquiler ni comida, nos trataban bien”*. A jornada de trabalho iniciava-se às 7 horas da manhã e terminava às 20 horas, com intervalo de uma hora para o almoço ao meio-dia. Disse-nos que não tinham metas a cumprir por dia, algo bastante comum no setor têxtil, talvez desnecessário devido à grande dedicação dos

trabalhadores ao trabalho diário, elemento que se tornou característico da força de trabalho paraguaia.

Os fluxos migratórios internos na região sul sofreram uma mudança acentuada de destino. Embora a Argentina continue sendo o país com maior número cidadãos paraguaios, nas últimas duas décadas a população paraguaia no Brasil vem aumentando. A grave crise econômica da Argentina e a melhoria do panorama social do Brasil na primeira década do presente século, fizeram deste último o principal destino dos migrantes sul-americanos (SALA, 2008).

A oficina onde Nelson trabalhava, com outros 10 paraguaios, não era totalmente legal, como ele mencionou, portanto, não tinha o respaldo legal de um trabalhador formal.

Aos 18 anos, casou-se com uma ex-vizinha de sua cidade natal, que também trabalhava na mesma oficina têxtil. De São Paulo, enviavam dinheiro mensalmente para a construção de uma casa própria, no terreno dos pais, em Itapuã Poty. Embora tenha sido forçado a sair por falta de oportunidades de trabalho, seus planos eram de retornar ao seu país.

As remessas de paraguaios e paraguaios do exterior não podem ser consideradas ingressos pequenos, estão entre os dez principais ingressos externos do país, acima mesmo de diversos itens de exportação. Só em 2016, esse valor chegou a US \$ 547,3 milhões (ÚLTIMA HORAb, 2020). Entre os países sul-americanos, o Paraguai é o segundo país que mais depende das remessas do exterior, cerca de um milhão de compatriotas dependem delas para viver (BASE, 2020).

A informalidade é necessária para a reprodução do capital, sujeita milhões de trabalhadores às condições da escravidão moderna.

Quando centenas de migrantes tomaram a difícil decisão de retornar ao seu país no contexto da pandemia, e apesar de sua relevância para a economia nacional, a primeira resposta do governo foi a rejeição e a discriminação.

No dia 30 de março, o ministro assessor de Assuntos Internacionais, Federico González, em entrevista coletiva exortou os concidadãos a não voltarem, que as fronteiras seriam fechadas e eles não poderiam entrar (ULIMTA HORAc, 2020).

Posteriormente, diante do inevitável retorno das centenas de paraguaios que perderam seus empregos e, com isso, qualquer possibilidade de subsistência e sob pressão de organizações de direitos humanos, o governo foi forçado a responder. Depois da resposta forçada, ele se gabou da “eficácia” dos albergues como medida de contenção do contágio, porém nem um único centavo de todo o dinheiro que saiu do empréstimo foi usado para isso (El SUPTIDOR, 2020).

Nelson comentou que nas primeiras semanas de internamento nem mesmo receberam as máscaras, que só lhes foram entregues após a reclamação.

2- El duro e interminable retorno

Quando a quarentena foi declarada no Estado de São Paulo, seu trabalho também foi interrompido e, como esperado, seu salário. Diante dessa situação, junto com sua esposa, pai e irmão, decidiram empreender o duro retorno. Já na ponte, encontrou outro primo seu e sua esposa -que na cidade brasileira trabalhava como pedreiro-, que já cumpria o quarto dia de espera no local. Nesse período de incertezas, sem chegar a lado nenhum, rebentou a agradável surpresa de que nesse mesmo dia iam poder entrar num abrigo em território nacional, assim entraram ele e as outras 150 pessoas.

Ao contrário dele, seu primo teve o azar de ser transferido para um albergue diferente da sua esposa. Ao momento da entrevista, já faziam mais de quarenta dias que ele estava na espera dos resultados negativos para poder ir com ela.

Nelson e sua família foram transferidos para um albergue no km 10, enquanto Ariel, seu primo, para um no km 7. Ambos tiveram resultado positivo no primeiro teste covid-19, no entanto, a esposa de Nelson deu negativo. Seja por milagre ou pela omissão do Ministério da Saúde na coleta das amostras (já que falsos positivos só são possíveis devido à contaminação das amostras), após 14 dias de quarentena, Nelson também teve que se separar da companheira.

“Estamos dentro de un tinglado todos juntos, adentro tenemos solos dos baños, afuera pusieron de esos baños móviles, pero no alcanza para más de 100 personas”, comentou Nelson na entrevista. Passaram de aglomerados na ponte a aglomerados em abrigos, sem possibilidade de manter o distanciamento social.

Segundo os depoimentos de Nelson e Ariel, a grande maioria das pessoas nos albergues são jovens, pouquíssimas chegam aos 35 anos. Esse é o principal motivo pelo qual casos graves ainda não surgiram dentro do albergue, já que os jovens demonstraram maior resistência ao vírus. No entanto, contar com esse elemento para ficar despreocupado e não investir na viabilização do distanciamento social dentro dos abrigos é uma bomba-relógio, uma vez que estão expostos a cargas virais muito elevadas por estarem em confinamento [7], o que aumenta as chances de risco. Segundo dados do MSPyBS -atualizado para 30 de maio- 69% dos casos confirmados estão concentrados em abrigos, enquanto 31% fora, ou seja, 662 e 302 respectivamente.

Desde que a pandemia atingiu nosso continente, vimos emergir com mais força as grandes contradições que abandono e precariedade, em decorrência de um sistema de organização e produção social que prioriza os interesses econômicos em detrimento da vida.

No capitalismo, os direitos à alimentação, saúde, trabalho e moradia são privilégios para quem pode pagar o preço.

Nelson, com voz de desconfiança e esperança, disse-nos que ontem, sábado, saberia o resultado do dia 5. análise a que já foi submetido. Ele precisa de dois testes negativos para finalmente sair e ir ao encontro do tão esperado abraço de sua parceira e seus pais.

Referencias bibliográficas

ABCa. Asunción, 2020. Disponible en <<https://www.abc.com.py/edicion-impresa/interior/2020/04/11/decenas-de-paraguayos-varados-en-peatonal-del-puente-de-la-amistad/>>. Acceso en 25 Marzo. 2021

ABCc. Asuncioin. 2020. Disponible en <https://www.abc.com.py/nacionales/2020/05/25/casos-positivos-de-covid-19-siguen-siendo-de-albergues-y-presentan-alta-carga-viral/>. Acceso en 28 marzo 2021

ADN DIGITAL. 2020, Ciudad del Este, 2020. Disponible en <https://www.adndigital.com.py/paciente-con-covid-denuncia-trato-inhumano-en-albergue-de-ypacarai/>. Acceso en 24 marzo 2021

ADELANTE NOTICIAS. 2020, Ciudad del Este. Disponible en <https://adelantenoticias.com/2020/05/31/explotacion-y-expulsion-la-historia-de-un-migrante/>. Acceso en 29 marzo 2021

BASE INVESTIGACIONES SOCIALES. 2020. Asunción. Disponible en <http://www.baseis.org.py/un-millon-de-paraguayos-dependen-de-remesas-segun-ong-chilena/>. Acceso en 25 marzo 2021

EL SURTIDOR. 2020. Asunción. Disponible en <https://elsurti.com/coronavirus/reportaje/2020/05/21/confinados/>. Acceso en 29 marzo 2021

HOY. Asunción, 2020. Disponible en <https://www.hoy.com.py/nacionales/covid-19-albergues-y-hoteles-salud-siguen-activados-con-normalidad>. Acceso en 25 marzo 2021

ULTIMA HORAA. Asunción. 2020. Disponible en <https://www.ultimahora.com/poblacion-paraguayos-brasil-crece-567-2-anos-n559358.html>. Acceso en 28 marzo 2021

ULTIMA HORAb. Asunción. 2020. Disponible en <https://www.ultimahora.com/usd-4312-millones-suman-las-remesas-paraguayos-n1117910.html>. Acceso en 27 marzo 2021

ULTIMA HORAc. Asunción. 2020. Disponible en <https://www.ultimahora.com/gobierno-pide-connacionales-que-no-vengan-y-fronteras-seguiran-cerradas-n2877648.html>. Acceso en 28 marzo 2021

SALA, Gabriela Adriana. 2008. Perfil educativo y laboral de los nuevos y viejos migrantes regionales censados en Argentina y Brasil. *Migraciones Internacionales*, Vol. 4, Núm. 4, Julio-diciembre de 2008.